

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



ESTRATÉGIAS DE POVOAMENTO DAS COMUNIDADES DO NEOLÍTICO FINAL E CALCOLÍTICO NO VALE DA RIBEIRA DE ALFUNDÃO (FERREIRA DO ALENTEJO, PORTUGAL)

César Neves / FCT; UNIARQ; AAP / c.augustoneves@gmail.com

Andrea Martins / AAP; UNIARQ / andrea.arte@gmail.com

Marco António Andrade / FCT; UNIARQ / folha-de-acacia@iol.com

Adelaide Pinto / CRIVARQUE, Lda. / adelaide@crivarque.net

Bruno Magalhães / brunomagalhaes@sapo.pt

RESUMO

Ao longo do vale da Ribeira de Alfundão (Ferreira do Alentejo) foram realizadas intervenções arqueológicas de emergência no âmbito do projecto de “Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Alfundão”, possibilitando a identificação de ocupações caracterizadas por agrupamentos de estruturas negativas (fossas e “fossos”), cronologicamente enquadradas entre o último quartel do 4º e meados do 3º milénio cal BC. Tentar caracterizar a tipologia funcional dos sítios identificados será um dos objectivos propostos deste trabalho. Neste sentido, procurar-se-á questionar e avaliar a sua singularidade (pequenas ocupações?) ou, por outro lado, uma eventual monumentalidade, em que os “distintos” sítios representarão, afinal, uma ocupação de grandes proporções geográficas e sociais, à imagem do “vizinho” Porto Torrão.

ABSTRACT

In the framework of the project of EDIA, S.A. in Alfundão, several archaeological emergency excavations were conducted along the valley of Ribeira de Alfundão (Ferreira do Alentejo, Portugal), enabling to identify occupations characterized by clusters of negative structures (pits and “ditches”), chronologically framed between the last quarter of the 4th millennium and the mid 3rd millenium cal BC. One of the goals of this paper will be the attempt to characterize the functional typology of the sites identified in Alfundão. Regarding this matter, it will be sought to question and evaluate their singularity (minor occupations?) or, on the other hand, an eventual monumentality in which the “distinct” sites ultimately represent an occupation of large geographical and social proportions, similar to the “nearby” Porto Torrão.

1. INTRODUÇÃO

O projecto de “Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Alfundão”, desenvolvido pela EDIA S.A., permitiu a identificação de um conjunto significativo de ocupações humanas cronologicamente enquadradas entre o último quartel do 4º e meados do 3º milénio cal BC. Após a sua identificação no decorrer do acompanhamento arqueológico,

a execução das medidas de minimização preconizadas (a cargo da empresa CRIVARQUE, Lda.) envolveu a escavação arqueológica dos vestígios observados, com o objectivo de caracterizar as realidades em questão e de, eventualmente, elaborar novas medidas de salvaguarda e registo. Dentro de um significativo número de intervenções realizadas no âmbito deste projecto, destacam-se as de sete ocupações (Monte da Barrada 2, Monte da Figueirinha, Alto do Pilar 3, Lancinha 2, Barranco do Rio Seco 4,

5 e 7), enquadradas num intervalo cronológico compreendido entre o Neolítico final e o Calcolítico. A sua intervenção possibilitou o registo de ocupações caracterizadas por áreas compostas por conjuntos de estruturas negativas de tipologia variável (fossas e, possivelmente, “fossos” e/ou “valas”). Este tipo de estrutura carece, ainda, de uma definição funcional precisa, visto que ocorrem tanto em espaços claramente habitacionais como, em oposição, em espaços de evidente carácter funerário. A ambiguidade e dificuldade de caracterização destas realidades sucedem, de igual modo, ao nível dos espólios recolhidos, onde se observam, em alguns casos, artefactos de uso doméstico em conjunto com artefactos, normalmente, identificados em contexto funerário. Apesar da homogeneidade artefactual e, aparentemente, das estratégias de ocupação registadas nos distintos sítios arqueológicos, a sua análise reveste-se de significativa relevância para a caracterização dos esquemas de utilização do espaço por parte das antigas sociedades camponesas do Sudoeste peninsular, principalmente numa paisagem geográfica e sócio-cultural marcada pela presença dos povoados do Porto Torrão, Monte do Olival 1 e Bela Vista 5, distando cerca de 5-7 km dos sítios aqui apresentados.

Neste sentido, este texto pretende abordar, de forma crítica e numa leitura global, a tipologia funcional dos sítios identificados ao longo da Ribeira de Alfundão, questionando e avaliando a sua singularidade (pequenas ocupações?) ou, por outro lado, se apresentam uma eventual monumentalidade, em que os “distintos” sítios representarão, afinal, uma ocupação de grandes proporções geográficas e sociais, à imagem do “vizinho” Porto Torrão.

A dificuldade em aferir com rigor científico estas leituras encontra claros obstáculos na escavação parcial de grande parte das estruturas (seccionadas transversalmente e pelo topo aquando a abertura da vala para a condução de rega) e nas limitações inerentes ao tipo de intervenção arqueológica em questão, onde o espaço intervencionado é de dimensões condicionadas e se apresenta pré-definido, independentemente do tipo de dados arqueológicos que vier a produzir.

Além das ocupações abordadas no presente texto, surgem mais dois sítios (Alto de Beja 1 e Barranco de Rio Seco 6) que, apesar de não deterem elementos artefactuais claramente definidores dos contextos crono-culturais em análise, apresentam caracterís-

ticas que deverão ser tidas em conta na leitura que se pretende elaborar (proximidade espacial, estratégia de ocupação e implantação idêntica, possível paralelismo da tipologia funcional das ocupações, possibilidade de se constituírem como testemunhos de uma certa continuidade de ocupação do espaço, num momento cronológico relativo aos inícios da Idade do Bronze).

2. ENQUADRAMENTO GEOMORFOLÓGICO E ARQUEOLÓGICO

A área em que os sítios se implantam caracteriza-se por uma paisagem genericamente aplanada, sem grandes acidentes topográficos, coincidindo com os basaltos e doleritos anfíbólicos do Complexo básico de Odivelas e os gabros de Beja, contrastando com os rebordos das “alturas do Sobrado” a Sul e os relevos erodidos do Paleogénico e Miocénico correspondentes ao enchimento do Sado a Oeste (Feio, 1951).

Esta área coincide basicamente com o curso terminal da Ribeira de Alfundão, da sua área mesial para montante, constituindo uma clara fonte de recursos bióticos e oferecendo condições favoráveis de assentamento para as comunidades agro-pastoris do Neolítico final e Calcolítico. Esta circunstância, associada à presença de recursos abióticos elementares, tais como as rochas anfíbólicas do Complexo máfico-ultramáfico de Beja-Acebuches ou algumas ocorrências cupríferas cartografadas na Serra do Pinheiro e Tramagueira/Chaparral (entre Boavista e Alfundão, seg. Oliveira, 1992), concorre para a instalação e desenvolvimento de aglomerados populacionais desde os últimos séculos do 4º milénio e ao longo de todo o 3º milénio cal BC.

O paradigma destes “centros populacionais” será obviamente o povoado de fossos de Porto Torrão (Arnaud, 1993; Valera e Filipe, 2004), distando menos de 6 km da área em estudo e marcando geográfica e socialmente a paisagem incluída no seu território de influência directa. Neste se reconhecem aparentemente outros sítios de menores dimensões, igualmente providos de fossos, tais como Monte do Olival 1, Bela Vista 5 ou Xancra (Becker *et al.*, 2012; Valera, 2008a; Valera e Becker, 2011), assim como espaços de carácter funerário, tais como os *tholoi* de Folha da Amendoeira, Cardim 6, Horta do João Moura e Monte do Pombal 1 e os hipogeus de Carrascal 2 (Viana, 1957; Valera, 2010; Valera *et al.*, no prelo). Tais evidências confirmam uma rede

de povoamento bem estruturada, com uma certa hierarquização dos espaços ocupados. Os sítios aqui estudados inscrevem-se assim nesta rede de povoamento, possivelmente cadenciado de acordo com a funcionalidade específica de cada um destes sítios (Figura 1).

3. OS SÍTIOS ESTUDADOS

Os sítios em análise apresentam, no geral, um conjunto de elementos comuns que, aparentemente, lhes confere grande paralelismo ao nível da implantação e modalidades de uso do espaço. Neste sentido, observa-se uma grande proximidade com a linha de água mais relevante (Ribeira de Alfundão), estando esta a Norte da maioria dos sítios intervencionados, com excepção do Monte da Figueirinha, localizado na margem oposta. Em termos da estruturação do espaço ocupado, este é caracterizado pela presença de realidades em negativo, antropicamente escavadas no substrato geológico.

Este elemento é transversal a todas as ocupações aqui abordadas, apresentando-se como a única realidade estrutural registada, desconhecendo-se qualquer vestígio, *in situ*, que possa estar relacionado com outro tipo de estrutura comum aos ambientes ocupacionais deste período. No entanto, o facto de estes sítios terem sido identificados no âmbito do acompanhamento arqueológico pode dificultar a observação/preservação, em contexto primário, de outras realidades estruturais, sem que sejam em negativo.

Tal como se observa no Quadro 1, os sete sítios abordados apresentam um número reduzido de estruturas negativas, sendo que este dado poderá corresponder a um desvio arqueográfico, visto que só foram intervencionadas e registadas as realidades observadas na área de afectação da vala, sendo de crer que, nas áreas limítrofes, pudessem ocorrer mais vestígios desta e, possivelmente, de outra natureza estrutural. De igual modo, além do restrito número de estruturas, estas apresentavam-se, na totalidade, em mau estado, tendo sido cortadas longitudinal e transversalmente ou pelo topo, aquando da abertura das valas das condutas de rega.

Desta forma, qualquer leitura resultante do seu estudo estará sempre condicionada, pois a sua escavação e registo nunca foi integral. No entanto, no caso do Alto do Pilar 3, os arqueólogos responsáveis pelo acompanhamento arqueológico ainda conseguiram observar e recolher artefactos nos sedimentos resul-

tantes da abertura da vala que cortou quatro estruturas. Os materiais arqueológicos correspondiam, no entanto, à ocupação alto-medieval do sítio estando ausentes aqueles que se pudessem enquadrar na ocupação pré-histórica. Nos restantes sítios, não se observaram nem recolheram materiais arqueológicos que pudessem pertencer ao enchimento das estruturas fisicamente danificadas pela máquina.

No conjunto dos sítios estudados registam-se tipologias variadas de estruturas negativas do género “fossa”. Neste texto importará destacar as realidades que detinham enchimento relacionado com o Neolítico final e/ou Calcolítico, realizando-se, igualmente, a caracterização das estruturas que, embora não tendo qualquer elemento artefactual e arqueológico no seu enchimento, estavam inseridas numa ocupação que, presumivelmente, só terá sido efectuada no âmbito crono-cultural em análise. Para a caracterização destas realidades, optou-se, no geral, por adoptar os critérios descritivos elaborados por F. Cavulli (2008) e A. C. Valera (2008b) (Figura 2).

Em Lancinha 2 identificaram-se duas ocupações, referentes respectivamente ao Calcolítico e à Idade do Bronze. A única estrutura com preenchimento pré-histórico trata-se de uma fossa “em forma de saco”, com planta circular, fundo plano, com 1,40m de profundidade, apresentando 1,40m de diâmetro na base e 0,75m de topo. Além de uma fossa integrada na Idade do Bronze, surgem outras duas, de arquitectura indeterminada.

A única sondagem levada a cabo no Monte da Figueirinha permitiu a identificação da única estrutura negativa aí intervencionada. Trata-se de uma fossa de grandes dimensões (0,80m profundidade e 3,5m de comprimento) com uma planta elíptica.

No Monte da Barrada 2 foram identificadas e intervencionadas três estruturas negativas. Somente na sondagem 3 foi registado espólio arqueológico, o que permitiu a aferição crono-cultural deste sítio (Neves, 2008-2009). A estrutura da sondagem 1 corresponde a uma fossa de perfil troncocónico, com fundo plano e, devido à afectação que teve no seu topo aquando a abertura da vala, apresentará uma profundidade superior a 0,46m e 1,20m de diâmetro na base. A realidade da sondagem 2 apresenta um perfil troncocónico, >0,44m de profundidade e 1,40m de diâmetro na base. No mesmo sentido, na sondagem 3 foi registada uma fossa de perfil troncocónico, fundo plano, 1m de profundidade e com 1,50m de diâmetro na base.

O Barranco do Rio Seco 4 trata-se de uma ocupação caracterizada pela presença de estruturas negativas tipo “fossa” e, outras, em forma de “fosso”/“vala”. No enchimento de todas as realidades foi identificado espólio arqueológico calcolítico. A fossa da sondagem 1 caracteriza-se pelo seu perfil e parede côncava, planta circular, fundo plano, tendo de dimensões 1m de profundidade, 1,70m de diâmetro na base. Na sondagem 2 registou-se uma fossa de perfil cilíndrico, base plana, planta circular, com 1,20m de profundidade e 1,30m de diâmetro na base. A fossa da sondagem 7 é caracterizada por um perfil cilíndrico, um fundo plano, planta elíptica, 0,70m de profundidade e 0,80m de diâmetro na base. Um dos espaços dos “fossos/vala” foi identificado nas sondagens 3 e 8 (escavado em 3m de extensão), permitindo a caracterização de uma realidade de perfil cónico e fundo plano, com 0,90m máximo de profundidade, 1m máximo de largura e que apresentava uma planta sensivelmente encurvada (Figura 3). Nas sondagens 4 e 5 identificou-se uma realidade idêntica, seccionada pela vala de obra mas com clara ligação entre as sondagens, com perfil cónico e fundo plano, 0,70m máximo de profundidade e 0,60m máximo de largura.

Das sete sondagens efectuadas no Barranco do Rio Seco 5, só a nº5 revelou a presença de elementos ar-

queológicos e artefactuais. No mesmo sentido, só foi possível caracterizar a realidade em negativo verificada nesta sondagem, ficando as restantes com funcionalidade e arquitectura indeterminada. Trata-se de uma fossa com perfil troncocónico, planta circular, fundo plano, com 1,40m profundidade, 2,40m de diâmetro na base e 2,20m de diâmetro no topo.

No Barranco do Rio Seco 7 foram intervencionadas três estruturas negativas, embora somente as realidades registadas nas sondagens 2 e 3 tenham revelado espólio arqueológico. A realidade da sondagem 4, muito afectada pelas acções da obra apresenta, deste modo, uma tipologia indeterminada. A estrutura da sondagem 2 apresenta-se como uma fossa de perfil côncavo e parede introvertida, planta circular, com 1m de profundidade, 0,95m de diâmetro de topo e 1,60m de diâmetro de base. A realidade da sondagem 3 corresponde a uma fossa de perfil troncocónico, planta circular, fundo plano, com 0,94m de profundidade, 2,60m de diâmetro de base e 1,80m de diâmetro de topo.

No sítio do Alto do Pilar, a única fossa pré-histórica foi identificada na sondagem 1. A posterior afectação por uma fossa de período alto-medieval impossibilitou que se aferisse as suas características específicas. Ainda assim, o espólio pré-histórico recolhido resulta de um depósito sedimentar conservado.

Quadro 1 – Sítios arqueológicos intervencionados na vala de Rega da EDIA, S.A. – Alfundão, com ocupação do Neolítico final e Calcolítico.

Sítio	Total da Área Intervencionada	Nº Estruturas Negativas	Estruturas fisicamente perturbadas	Tipo de Estruturas	Observações
Alto do Pilar 3	11m ²	4	4	Fossa	1 fossa corresponde à ocupação pré-história; 3 fossas correspondem a ocupação alto-medieval
Barranco do Rio Seco 4	41,29m ²	5	5	Fossa e “Fosso”/“Vala”	Material arqueológico provém do enchimento de todas as estruturas
Barranco do Rio Seco 5	32,25m ²	5	5	Fossa; Fosso”/“Vala”; Indeterminada	Só uma estrutura (fossa) tinha materiais arqueológicos no seu enchimento
Barranco do Rio Seco 7	10m ²	3	3	Fossa	Material arqueológico provém do enchimento de 2 fossas
Lancinha 2	11,5m ²	4	4	Fossa	Material arqueológico provém do enchimento de 2 fossas. 1 fossa corresponde à ocupação pré-história; 1 fossa corresponde à ocupação da Id. Bronze
Monte da Barrada 2	10m ²	3	3	Fossa	Só uma estrutura tinha materiais arqueológicos no seu enchimento
Monte da Figueirinha	14m ²	1	1	Fossa	Estrutura negativa alongada
Total	130,04m ²	25	25	–	–

4. CULTURA MATERIAL

No cômputo geral dos sítios estudados (e independentemente dos contextos de recolha), a larga maioria do espólio refere-se a elementos cerâmicos (correspondendo a cerca de 98% do total da componente artefactual recolhida no conjunto dos sítios), sendo basicamente este o único factor a considerar para a definição crono-cultural destas ocupações – tendo em conta o seu volume e variedade. O restante espólio, pela sua escassez, não possibilita grandes considerações, sendo apenas sinteticamente referido.

Recipientes Cerâmicos

Uma avaliação geral, a nível tipológico, dos recipientes cerâmicos recolhidos permite, no conjunto global dos sítios e das estruturas escavadas, considerá-los como um grupo crono-culturalmente coevo. Refira-se, contudo, que, do total do espólio cerâmico recuperado, apenas 18,9% possuem elementos caracterizadores – referindo-se 81,1% a fragmentos incaracterísticos.

Será de destacar a presença, em qualquer um dos sítios (excluindo o caso particular de Alto do Pilar 3), de pratos e taças de bordo espessado, correspondendo a 34,2% do total dos elementos cerâmicos com forma reconstituível (6,5% do total dos elementos cerâmicos). As formas de fundo comum (taças em calote,

taças rasas, tigelas e esféricos) correspondem a 47,7% do total dos elementos cerâmicos com forma reconstituível (8,0% do total dos elementos cerâmicos) – sendo de referir igualmente a presença de esféricos mamilados (2,7%) e achatados (0,9%). Trata-se, assim e à primeira vista, de um conjunto coetâneo, representando catálogos cerâmicos característicos do 3º milénio cal BC (cf. Gonçalves, 1989; Lago *et al.*, 1998). No entanto, elementos tradicionalmente atribuíveis aos últimos séculos do 4º milénio cal BC, tais como as típicas taças carenadas do Neolítico final, não estão ausentes no conjunto estudado. Foram recolhidas exclusivamente em Barranco do Rio Seco 5, encontrando-se aparentemente associadas a pratos e taças de bordo espessado no interior da estrutura S.7. Regista-se, contudo, um maior número destes últimos – contabilizando 7,8% do conjunto contra 3,3% de taças carenadas.

No campo das formas singulares, refira-se a recolha de um “copo” em Barranco do Rio Seco 4, e de um “mini-esférico”, um grande pote com elemento de suspensão obtido por perfuração horizontal de aplicação plástica alongada e um “vaso-lucerna” em Barranco do Rio Seco 5. Este último vaso, carenado, apresenta boca elíptica e possivelmente três perfurações horizontais de suspensão obtidas sobre a pasta repuxada. É um tipo particular vaso que merece outro tipo de considerações, que serão abaixo apresentadas.

Quadro 2 – Quantificação dos tipos cerâmicos por sítio

	APL-3		BRS-4		BRS-5		BRS-7		LANC-2*		MTB-2		MTF		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Pratos bordo não esp.	/	/	1	1,1	5	1,5	2	4,2	/	/	2	2,7	/	/	10	1,7
Pratos bordo esp. ext.	/	/	/	/	5	1,5	1	2,0	1	5,6	1	1,4	/	/	8	1,4
Pratos bordo esp. int.	/	/	/	/	3	0,9	/	/	1	5,6	/	/	1	4,3	5	0,8
Pratos bordo esp. int. e ext.	/	/	/	/	3	0,9	1	2,0	/	/	/	/	/	/	4	0,7
Taças bordo esp. ext.	/	/	/	/	1	0,3	/	/	/	/	/	/	/	/	1	0,2
Taças bordo esp. int.	/	/	/	/	2	0,6	/	/	/	/	/	/	/	/	2	0,3
Taças bordo esp. int. e ext.	/	/	/	/	7	2,1	1	2,0	/	/	/	/	/	/	8	1,4
Taças abertas	/	/	/	/	6	1,8	4	8,2	1	5,6	8	10,8	1	4,3	20	3,4
Taças rasas	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	3	4,1	/	/	3	0,5
Tigelas fundas	/	/	2	2,2	/	/	1	2,0	/	/	1	1,4	1	4,3	5	0,8
Copos	/	/	1	1,1	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	1	0,2
Esféricos	/	/	4	4,4	12	3,6	/	/	3	16,6	4	5,4	/	/	25	4,2
Esféricos mamilados	/	/	/	/	2	0,6	/	/	/	/	1	1,4	/	/	3	0,5
Esféricos achatados	/	/	/	/	/	/	1	2,0	/	/	/	/	/	/	1	0,2
“Mini-esféricos”	/	/	/	/	1	0,3	/	/	/	/	/	/	/	/	1	0,2
Taças carenadas	/	/	/	/	11	3,3	/	/	/	/	/	/	/	/	11	1,8
Vasos carenados	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	1	4,3	1	0,2
Potes com elem. susp.	/	/	/	/	1	0,3	/	/	/	/	/	/	/	/	1	0,2
“Vasos-lucerna”	/	/	/	/	1	0,3	/	/	/	/	/	/	/	/	1	0,2
Incaracterísticos	3	100	82	91,2	269	81,7	38	77,6	12	66,6	54	72,8	19	82,8	477	81,1
TOTAL	3	100	90	100	329	100	49	100	18	100	74	100	23	100	588	100

* Não se contabiliza o espólio associável à Idade do Bronze inicial recolhido na S.1.

No geral e a nível de fabrico, o conjunto cerâmico dos diversos sítios é muito semelhante. Apresentam maioritariamente pasta semi-compacta a compacta, de textura homogénea, com componentes não plásticos compostos por grãos de quartzo, feldspatos, gabros e alguns elementos ferruginosos. As superfícies são maioritariamente alisadas, registando-se alguns escassos exemplares com aguadas vermelhas (Figuras 4 e 5).

Artefactos líticos

O espólio lítico, no conjunto dos sítios, resume-se a um único artefacto de pedra polida e alguns artefactos de pedra afeiçãoada.

O primeiro refere-se ao fragmento distal de um pequeno formão de rocha anfibólica recolhido em Alto do Pilar 3. Refira-se igualmente a recolha de uma lasca de anfibolito em Barranco do Rio Seco 5 e de uma lasca de xisto anfibólico em Barranco do Rio Seco 7 – podendo corresponder a elementos resultantes da conformação de blocos para produção de artefactos de pedra polida.

A pedra afeiçãoada divide-se entre percutores de quartzito (Monte da Figueirinha), bigornas de anfibolito e granito (Barranco do Rio Seco 5), moventes de granito (Barranco do Rio Seco 4 e 5), dormentes de granito (Monte da Barrada 2) e uma “bala de funda” de granito (Barranco do Rio Seco 7).

Outros artefactos e objectos

Nesta categoria contam-se escassos elementos, tais como um fragmento de peso de tear rectangular com perfuração periférica recolhido em Barranco do Rio Seco 5 e um fragmento de possível elemento de adorno sobre valva de *callista chione* polida nos bordos, podendo corresponder a uma bracelete ou pendente. Refira-se igualmente a recolha de um fragmento de valva de *venerupis pullastra* em Barranco do Rio Seco 4.

5. NEOLÍTICO FINAL E CALCOLÍTICO NO VALE DA RIBEIRA DE ALFUNDÃO

Formular leituras e propostas interpretativas acerca das realidades em análise será sempre um exercício limitado pelo tipo de intervenção arqueológica e pela metodologia de identificação empregue durante a execução do projecto. Desta forma, esta leitura será sempre parcial, de acordo com os dados disponíveis. Tendo em conta estes dados, procura-se de-

finir estas ocupações no âmbito particular de cada um dos sítios e, posteriormente, no contexto físico e crono-cultural em que se encontram.

A abordagem a ocupações caracterizadas pela presença, aparentemente exclusiva (cf. ponto 3), de estruturas negativas, oferece condicionantes à avaliação precisa da tipologia funcional dos sítios. Desta forma, torna-se impossível definir a funcionalidade primária (por exemplo, silo) destas realidades, visto que se interveio e registou apenas a sua última utilização (que não corresponderá, necessariamente e em termos funcionais, à primeira). Neste sentido, estas estruturas poderão possivelmente corresponder, na sua função secundária, a “lixeiros”, tendo em conta os dados recolhidos no Barranco do Rio Seco 5 (sondagem 7) onde se observou, num mesmo enchimento, artefactos de uso claramente utilitário (elementos de mó, bigornas, peso de tear, recipientes de armazenagem) associados a espólio que se poderia incluir em ambientes funerários (“vaso-lucerna”).

Como dito, o “vaso-lucerna” recolhido em Barranco do Rio Seco 5 merece um tipo de observação particular. Trata-se de um tipo de vaso normalmente presente (tendo em conta a literatura disponível) em contextos funerários claramente atribuíveis à primeira metade do 3º milénio cal BC, associado a placas de xisto gravadas, pontas de seta e grandes lâminas retocadas. Regista-se em monumentos ortostáticos (Ordem 1, Matalote 1, Brissos 1, Horta Velha do Reguengo Pedra da Anta 2, El Pozuelo 5), *tholoi* (Comenda 2b, Monte Velho, Barranco da Nora Velha, Monte Velho, Cerro de la Cabeza), grutas naturais (Buraca da Moura da Rexaldia), grutas artificiais (Carenque, São Pedro do Estoril 1), monumentos de arquitectura mista (Folha das Barradas e Tumba 3 de La Pijotilla) e enterramentos em fossa (Aljezur), distribuídos por uma área geográfica que cobre todo o Sudoeste peninsular, estendendo-se desde a Estremadura portuguesa à Andaluzia (Cerdán Marquez *et al.*, 1952; Leisner e Leisner, 1951 e 1959; Leisner, 1965; Fernandez Gomez e Ruíz Mata, 1978; Hurtado Pérez, 1986).

A presença destes vasos em contextos quase exclusivamente funerários (registra-se um pequeno fragmento em Papa Uvas, seg. Martín de la Cruz, 1986) permite supor que estariam relacionados com cultos funerários. Dado tratarem-se de vasos de suspensão de pequeno tamanho, poderão tratar-se de queimadores ou luminárias.

No geral das ocupações, além de uma relativa homogeneidade existente na configuração das fossas, observa-se igualmente uma homogeneidade na cultura material, independentemente do tipo de fossa onde foram depositados ou das ocupações a que se referem.

Contudo, as fossas não se apresentam como as únicas estruturas negativas registadas nestas ocupações. Ocorrem igualmente realidades semelhantes a “valas” no Barranco do Rio Seco 4 e 5. Estas “valas” poderão corresponder a fossos pouco profundos, como os identificados (entre outros exemplos) em Murteiras 6, localizado no mesmo contexto geográfico a escassos quilómetros da área de Alfundão (Porfirio *et al.*, 2012). No entanto, a exígua dimensão da área escavada, tanto no Barranco do Rio Seco 4 como no Barranco do Rio Seco 5, não permite confirmar esta hipótese (principalmente em termos de definição do seu possível perímetro e funcionalidade). Com efeito, apenas se identificou espólio pré-histórico, no interior destas estruturas, em Barranco do Rio Seco 4 (mas, como referido, a extensão de área escavada é mínima).

A proximidade cultural que estas ocupações detêm entre si poderá sugerir que as mesmas se tratem de uma única realidade. No caso das ocupações designadas como Barrancos do Rio Seco (4, 5, 7 e, possivelmente, 6), além do paralelismo cultural, esta proximidade poderá também ser espacial, podendo serem interpretadas de acordo com duas leituras explicativas: 1) vários núcleos ocupados simultaneamente, configurando uma vasta área assentamento com dispersão horizontal; 2) vários núcleos ocupados intercaladamente num mesmo contexto crono-cultural, em que uma comunidade se instala sazonalmente na mesma área mas não necessariamente no mesmo local. Seja como for, independentemente da proposta interpretativa que se favoreça, e atendendo à estratégia de implantação destas ocupações, estas parecem caracterizar-se como sítios de aparente carácter agrícola.

Nesta leitura estruturalista do espaço e, consequentemente, dos padrões de assentamento destas comunidades, não se pode omitir a existência do Porto Torrão (e a sua consequente influência sobre os restantes sítios). Sendo este povoado encarado como “lugar central”, marcando geográfica e socialmente o espaço ocupado, e tendo em conta a sua proximidade física com os sítios abordados (cerca de 6 km), estes parecem incluir-se dentro do seu território de

influência, funcionando desta forma como espaços complementares. Não se trata de querer reconhecer aqui uma unidade semelhante a Monte do Olival 1 e Bela Vista 5 que, apesar de hipoteticamente integrar a rede de povoamento representada (a nível de teórico) pelo Porto Torrão, poderão ter funcionado de forma autónoma, mesmo que dentro de um esquema subsidiário. No entanto, tendo em conta os dados disponíveis para o conjunto dos sítios referidos, esta “estruturação social” encontra-se ainda insuficientemente definida.

Crono-culturalmente, os sítios parecem reflectir as sequências ocupacionais do Porto Torrão, desde os últimos séculos do 4º milénio até finais do 3º milénio cal BC. Este facto é particularmente evidente no Barranco do Rio Seco 5 e Monte da Barrada 2, onde surgem recipientes mamilados e taças carenadas associadas a pratos de bordo espessado. Mesmo não se tendo identificado espólio campaniforme em qualquer um destes sítios, parece que se reconhece uma certa continuidade de ocupação do espaço, atestada em Lancinha 2 (fossas com materiais calcolíticos e fossas com materiais dos inícios da Idade do Bronze) e, também, no Alto de Beja 1 (localizado em Alfundão, mas não abordado neste estudo por apresentar estruturas com enchimentos exclusivos dos inícios da Idade do Bronze).

Em suma, esta abordagem procura definir, de acordo com os dados actualmente disponíveis, a cadência de ocupação verificada ao longo da Ribeira de Alfundão, incluindo os sítios aqui identificados nos diagramas de povoamento estabelecidos pelo grande “centro gregário” representado pelo Porto de Torrão, durante o Neolítico final e o Calcolítico. Neste sentido, os sítios aqui analisados deverão incluir-se nesse esquema populacional como espaços complementares, funcionando como factores dinâmicos de afirmação de um território explorado, reflectindo os processos de consolidação das comunidades camponesas estáveis. Inserem-se assim numa rede de povoamento complexa (que inclui povoados, espaços funerários, áreas de aprovisionamento de recursos e outros sítios com propósitos específicos), delineando modelos particulares de ocupação e exploração do espaço durante o Neolítico final e Calcolítico na área do Baixo Alentejo.

Lisboa, Junho de 2013

BIBLIOGRAFIA

- ARNAUD, J. M. (1993) – O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas. *Vipasca*. 2, p. 51-61.
- BECKER, H.; VALERA, A.; CASTANHEIRA, P. (2012) – Monte do Olival 1 (Ferreira do Alentejo, Beja): magnetometria de cério num recinto de fossos do 3º milénio AC. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 8, p. 11-17.
- CAVULLI, F. (2008) – Abitare il Neolitico. Le piu antiche strutture antropiche del Neolitico in Italia Settentrionale. *Preistoria Alpina*, 43 (2008), suppl. 1:480.
- CERDÁN MÁRQUEZ, C.; LEISNER, G.; LEISNER, V. (1952) – *Los sepulcros megalíticos de Huelva*. Madrid (Informes y Memorias, 26).
- FEIO, M. (1951) – *A evolução do Relevo do Baixo Alentejo e Algarve*. Lisboa: Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, p. 20-92.
- FERNANDEZ GOMEZ, F.; RUIZ MATA, D. (1978) – El “tholos” de Cerro de la Cabeza en Valencina de la Concepción (Sevilla). *Trabajos de Prehistoria*. 35, p. 193-224.
- GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental: uma aproximação integrada*. Lisboa: INIC/UNIARQ.
- HURTADO PÉREZ, V. (1986) – El Calcolítico de la cuenca media del Guadiana y la necrópolis de La Pijotilla. *Actas de la Mesa Redonda sobre Megalitismo Peninsular*. Madrid, p. 51-75.
- LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F.; CARVALHO, A. F. (1998) – Povoado dos Perdighões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1: 1, p. 45-152.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura (reeditado por Uniarq/INIC, 1985).
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Western* (1: 2). Berlin: Walther de Gruyter.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Western* (1: 3). Berlin: Walther de Gruyter.
- MARTÍN DE LA CRUZ, J. C. (1986) – *Papa Uvas II, Aljaraque, Huelva. Campañas de 1981 a 1983*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- NEVES, C. (2008-2009 [2011]) – Uma primeira leitura sobre a ocupação pré-histórica do sítio Monte da Barrada II (Alfundão, Ferreira do Alentejo). *Arqueologia & História*. 60-61, p. 149-162.
- OLIVEIRA, J. T. (1992) – *Carta Geológica de Portugal 1/200000, folha n.º 8*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- PORFÍRIO, E.; BARBOSA, R. P.; VALINHO, A.; COSTA, M. (2012) – O sítio de Murteira 6 (Mombeja, Beja) no contexto do Calcolítico do Sul de Portugal. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: Câmara Municipal, p. 549-559.
- VALERA, A. (2008a) – O novo recinto de fossos calcolítico de Xancra (Cuba, Beja). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 2, p. 23-26.
- VALERA, A. (2008b) – Recinto Calcolítico dos Perdighões: fossos e fossas do Sector 1. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 3, p. 19-27.
- VALERA, A. (2010) – Gestão da Morte no 3º milénio AC no Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): um primeiro contributo para a sua espacialidade. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 5, p. 57-62.
- VALERA, A. (2013) – Map of walled and ditched enclosures, in <http://portugueseenclosures.blogspot.pt>, consultado em Março de 2013.
- VALERA, A.; BECKER, H. (2011) – Cosmologia e recintos de fossos da Pré-História Recente: resultados da prospecção geofísica em Xancra (Cuba, Beja). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 7, p. 23-32.
- VALERA, A.; FILIPE, I. (2004) – O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular. *Era-Arqueologia*. 6, p. 28-61.
- VALERA, A.; SANTOS, H.; FIGUEIREDO, M.; GRANJA, R. (no prelo) – Contextos funerários na periferia do Porto Torrão: Cardim 6 e Carrascal 2. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Alqueva*. Beja: EDIA.
- VIANA, A. (1957) – O monumento megalítico da Folha da Amendoeira (Odivelas do Alentejo). *Zephyrus*. 4, p. 241-263.

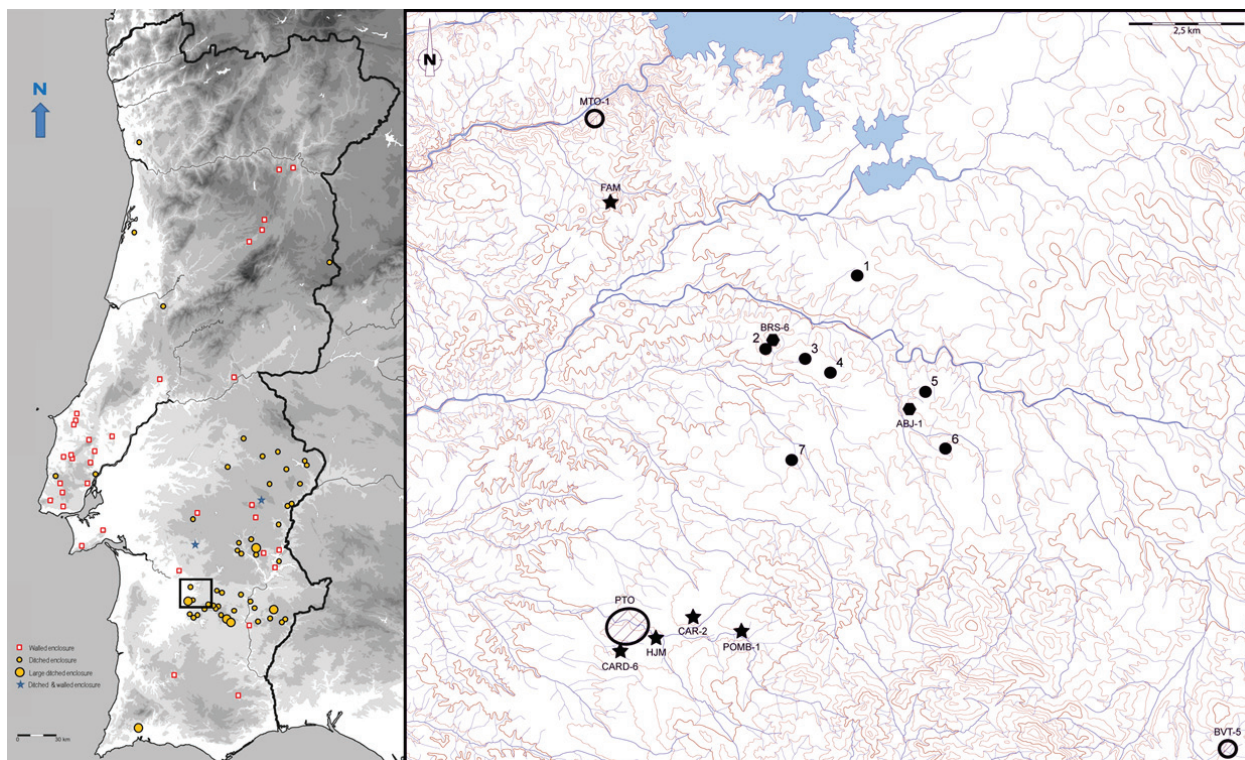


Figura 1 – A: A área em estudo no contexto dos povoados de fossos do Sudoeste peninsular (cartografia adaptada de Valera, 2013). B: Oro-hidrografia da área em estudo, com indicação dos sítios estudados. 1: Monte da Figueirinha; 2: Barranco do Rio Seco 7; 3: Barranco do Rio Seco 5; 4: Barranco do Rio Seco 4; 5: Lancinha 2; 6: Alto do Pilar 3; 7: Monte da Barrada 2. Indicam-se igualmente os grandes povoados de fossos de Monte do Olival 1 (MTO-1), Porto Torrão (PTO) e Bela Vista 5 (BV-5), assim como os contextos funerários de Folha da Amendoeira (FAM), Cardim 6 (CARD-6), Horta do João Moura (HJM), Carrascal 2 (CAR-2) e Pombal 1 (POMB-1); o contexto de Idade do Bronze inicial de Alto de Beja 1 (ABJ-1) e o contexto indeterminado de Barranco do Rio Seco 6 (BRS-6).

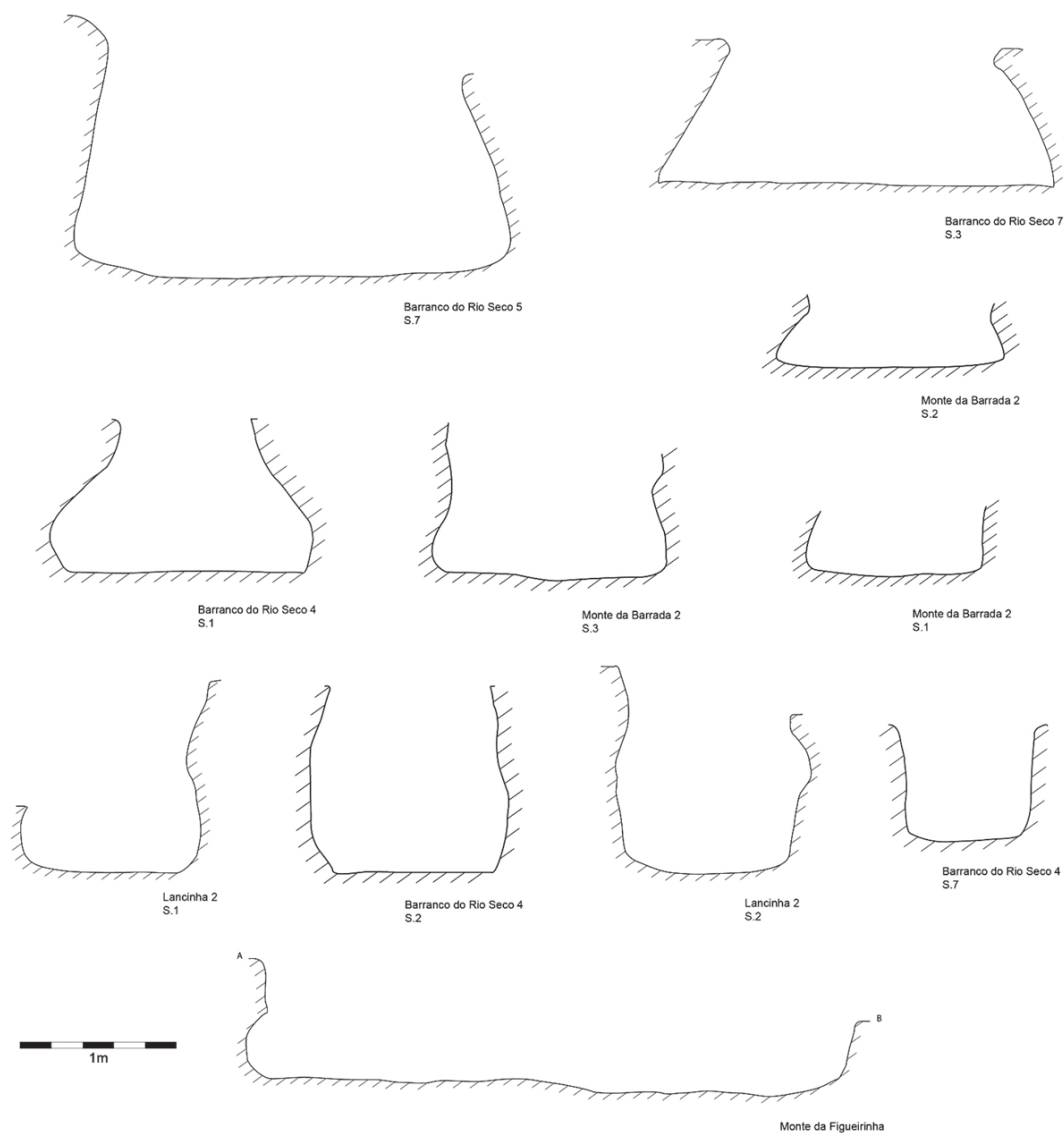


Figura 2 – Tipologia genérica das fossas identificadas no conjunto dos sítios estudados.

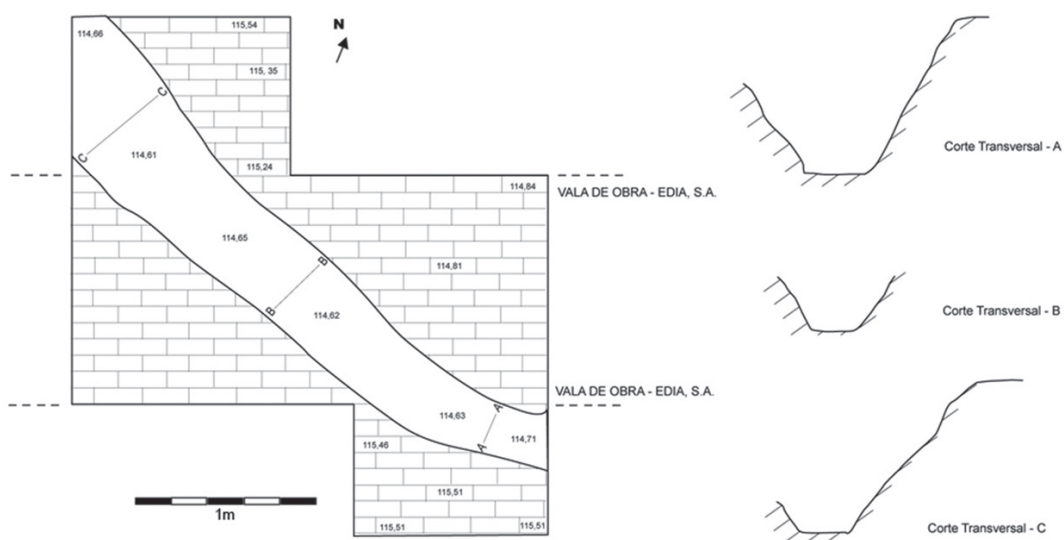


Figura 3 – Planta e secções transversais de segmento de “fosso” identificado em Barranco do Rio Seco 4.

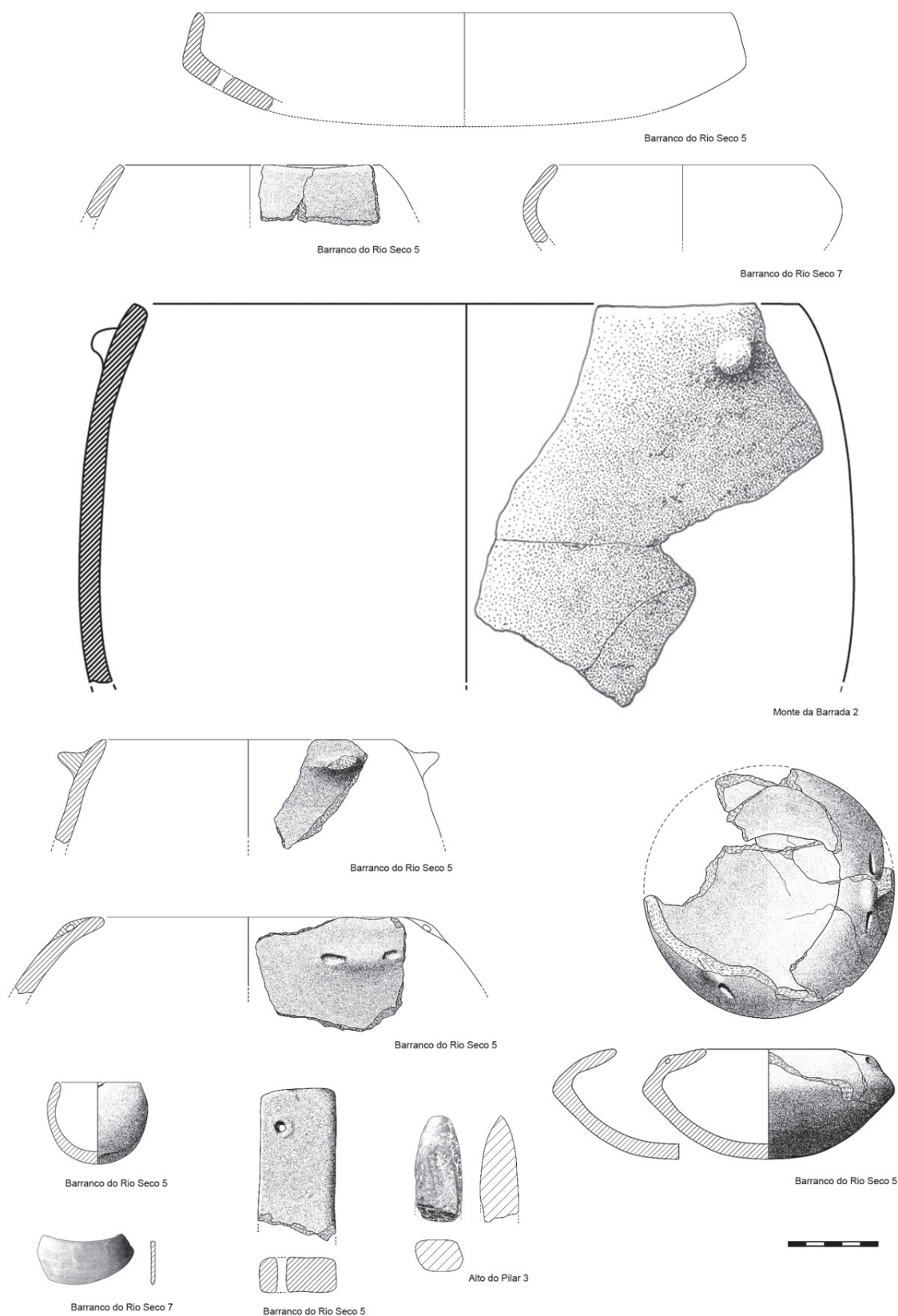
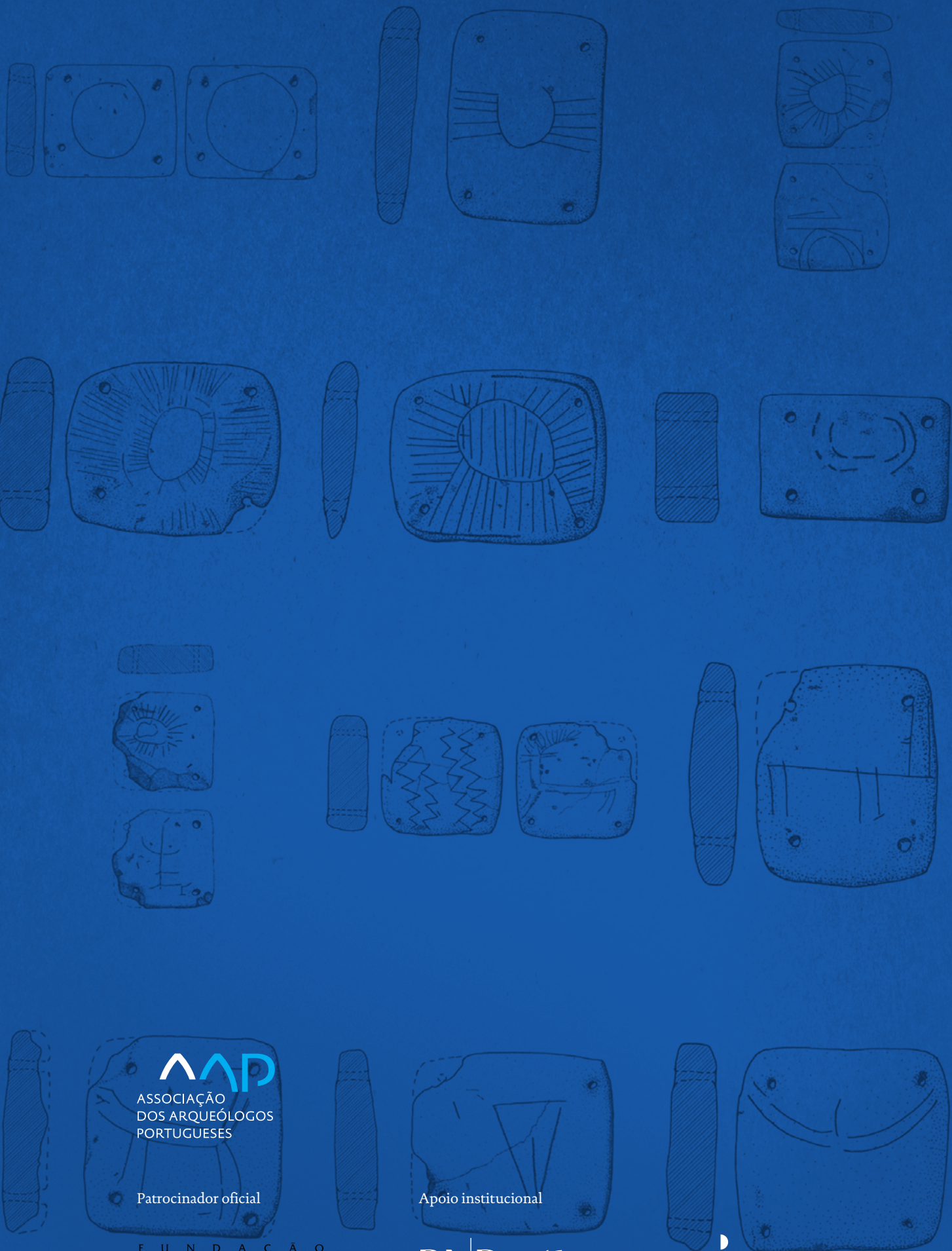


Figura 5 – Exemplos do espólio recolhido no conjunto dos sítios estudados: taça carenada (Barranco do Rio Seco 5); esférico (Barranco do Rio Seco 5); esférico achatado (Barranco do Rio Seco 5); esféricos mamilados (Monte da Barrada 2; Barranco do Rio Seco 5); pote com elemento de suspensão (Barranco do Rio Seco 5); “vaso-lucerna” (Barranco do Rio Seco 5); “mini-esférico” (Barranco do Rio Seco 5); elemento de adorno (pendente ou bracelete) sobre valva de *callista chione* (Barranco do Rio Seco 7); peso de tear (Barranco do Rio Seco 5); formão de rocha anfibólica (Alto do Pilar 3).



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDACÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua